



SOCIEDADE
entre linhas e letras

NA MARCA DO PÊNALTI

LEO CUNHA

3ª EDIÇÃO

9ª tiragem
2018

ILUSTRAÇÕES
Roger Mello

 **Atual**
Editora

Copyright © Leo Cunha, 1999.

SARAIVA Educação S.A., São Paulo, 2006
Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo-SP
tendimento@aticascipione.com.br
www.aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Cunha, Leo, 1966-

Na marca do pênalti / Leo Cunha ; ilustrações Roger Mello. — 3. ed. — São Paulo : Atual, 2002. — (Entre Linhas e Letras: Sociedade)

Inclui roteiro de leitura.

ISBN 978-85-357-0027-5

1. Literatura infantojuvenil I. Mello, Roger, 1965-. II. Título. III. Série.

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Coleção **Entre Linhas e Letras**

Desenvolvimento de produto

Gerente editorial: Wilson Roberto Gambeta

Editor: Henrique Félix

Assessora editorial: Jacqueline F. de Barros

Coordenadora de preparação de texto: Maria Cecília F. Vannucchi

Revisão de texto: Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.)

Lúcia Leal Ferreira

Valéria Franco Jacintho

Produção editorial

Gerente de arte: Edilson Félix Monteiro

Editor de arte: Celson Scotton

Chefe de arte: Marcos Puntel de Oliveira

Diagramação: Adriana M. Nery de Souza

Editoração eletrônica: Silvia Regina E. Almeida (coord.)

Colaboradores

Projeto gráfico: Glair Alonso Arruda

Preparadora de texto: Márcia da Cruz Nóboa Leme

Roteiro de leitura: Luiz Antonio Aguiar

811619.003.007

Impressão e acabamento

CL: 810417

CAE: 576014

SUMÁRIO

Primeiro tempo	1
<i>Descamisado</i>	2
Más línguas	3
Caixinha de surpresas	5
A não ser que...	9
Um papel todo dobrado	11
Essas coisas de ídolo	15
Tavinho do céu	19
O que é História	21
Ruim da cabeça, doente do pé	26
Na marca do pênalti	28
Padre Amâncio, eu quero me confessar	31
A sala do diretor não tinha fim	33
O autodrible	37
Padre Amâncio, sou eu de novo...	39
Intervalo	41
Segundo tempo	51
Os cidadãos decentes	52
O bom filho	55
A sala do diretor acabava logo ali	58
Uma casa bem afastada	60
Se contassem, ninguém iria acreditar	64
A moça mais azarada do planeta	69
Padre Amâncio, lembra aquela história?	71
Concentração	74
Magnética	77
Bangu doente	80
Sem barreira	83
Depois que tudo não terminou	86
Prorrogação	87
O autor	88
Entrevista	90

*A minha mãe, atleticana doente.
A meu pai, cruzeirense roxo.*

PRIMEIRO TEMPO



DESCAMISADO

E chegou um momento em que os homens se dividiram entre camisados e descamisados. Foi esse o critério.

Naquele momento, eu, descamisado, caminhei para o outro lado, o lado das camisas.

E, sem me dar conta do erro, fui seguindo, me distanciando cada vez mais dos outros dez que já ocupavam o seu espaço, descamisados como eu.

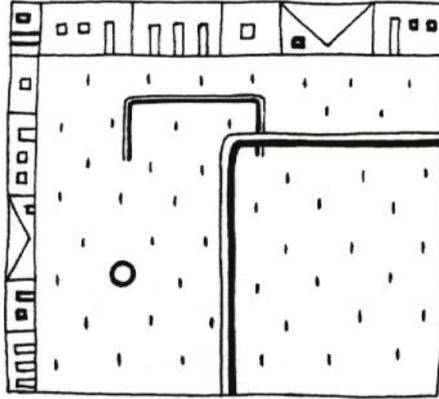
E todos olhavam para mim; olhavam para mim e riam daquele incauto descamisado, que penetrava no lado contrário. O lado inimigo. O lado deles.

Foi então que percebi o engano, a minha ilusão.

Envergonhado, dei meia-volta para assumir a minha posição... descamisada.

E pôde começar o futebol.

Áureo Valente



MÁS LÍNGUAS

DIZEM as más línguas que Campos Gerais era uma cidade movida a futebol.

Que lá existiam 42 campos para 10 mil habitantes, o que dava a média de um campo para cada 238 habitantes, incluindo mulheres, bandeirinhas e juízes.

Que nas praças, a grama e as flores eram plantadas de forma a desenharem um estádio de futebol, uma camisa da seleção, uma taça, um apito, uma bola, uma bomba de encher bola, tudo o que vocês puderem imaginar.

Que nas missas de domingo, o padre Amâncio fechava os olhos e rezava pela vitória do Ferroviário e do Bangu, os dois principais times da cidade. E que quando era dia de clássico, Ferroviário × Bangu, ele pedia a Deus que vencesse o melhor. Mas no fundo todo mundo desconfiava que o padre era Bangu doente.

Que o cartório do Mazinho, vizinho do campo do Bangu, vivia vazio, mas que em dia de jogo lotava: todo o mundo querendo casar, descasar, recasar, qualquer coisa. Só porque do cartório dava pra ver o jogo de graça.

Que o Sabonete saiu do Ferroviário, passou pelo Bangu, foi pra São Paulo, como quem não quer nada, e, dois anos depois, já estava na seleção brasileira. Mas nunca mais pôs os pés na cidade, sem ninguém saber por quê.

Que a Nina, na gula dos seus 12 anos de idade, era tão fanática pelo Sabonete que guardava, dentro de um enorme cofre em

forma de bola, todos os artigos publicados sobre o ídolo em qualquer jornal de Minas e do Brasil.

Que a irmã da Nina, a Maria, a moça mais bonita e desejada da cidade, tinha um ódio mortal de futebol, especialmente do Sabonete. Por conta dessa aversão, ela ficou 545 dias sem conversar com a irmã.

Que na escola municipal toda prova tinha um tanto de questões sobre futebol. Uma questão famosa de Matemática perguntava assim: Felisberto tem treze filhos homens, seu irmão Adalberto tem apenas dez. Se os dois unirem seus talentos, quantos times completos poderão formar? Outra questão, de Geografia, pedia a escalação completa da seleção brasileira e o estado natal de todos os titulares. Fora o Sabonete, os outros dez a meninada precisava pesquisar até.

Que um tal professor Ladeira, sujeito muito misterioso, um dia chegou à cidade, declarou que detestava bola e resolveu dar uma prova sem nenhuma questão de futebol.

Que a Nina entrou escondida na escola pra roubar a tal prova e, sem querer, acabou encontrando uma redação escrita pelo próprio punho do Sabonete.

Dizem que, a partir desse dia, a cidade virou de cabeça para baixo...

É. Campos Gerais era mesmo uma cidade especial. Malandra, sofrida, redonda, cheia de ventos. Feito uma bola de futebol.



CAIXINHA DE SURPRESAS

FUTEBOL é uma caixinha de surpresas. Num dia a gente perde, no outro, deixa de ganhar... A pelada de sábado, no largo das Palmeiras, era bem assim: o time do Tonho ganhava sempre. E naquele dia, quando se aboletou na calçada ao lado da Cida, pra assistir ao jogo, a Nina sabia que não ia ser diferente.

O sol estava uma lua cheia, mas os meninos jogando pra valer. Cinco pra cada lado. O time de camisa foi de Murilo, Tavinho, Banana, Peruca e Último. O sem camisa entrou com o Tonho e mais quatro. O Tonho era tão craque que o povo nem lembrava os outros jogadores do time. Era sempre o Tonho e “o resto”.

Como só tinha um goleiro de verdade — o Murilo —, o Peruca mandou o irmão mais novo — o Tracinha — pegar no outro gol. O pirralho gostou, estava acostumado a jogar de bandeirinha, de gandula, até de trave costumavam escalar o coitado.

Mas o jogo. Pra variar, o Tonho estava destoando do resto. Não eram nem onze horas e o placar eletrônico invisível já decretava sete a zero pro time descamisado. Seis do Tonho e um do Tavinho, contra.

O mais bonito, disparado, foi o sétimo: o Tonho dominou a bola a um palmo da linha de fundo e dali mesmo, sem ângulo, quase no córner, meteu um três-dedos e encobriu milagrosamente o goleiro. Gol espírita, o Murilo não viu nem o cheiro encardido da bola. O largo inteiro bateu palmas.